



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DANÇA/LICENCIATURA PLENA

JOSINALDO DE FARIAS FLORES

**DO LÚDICO ÀS COMPETIÇÕES: UM ESTUDO DE CASO COM A QUADRILHA
JUNINA “FAZENDA PINDURA SAIA”.**

JOÃO PESSOA

2024

JOSINALDO DE FARIAS FLORES

**DO LÚDICO ÀS COMPETIÇÕES: UM ESTUDO DE CASO COM A QUADRILHA
JUNINA “FAZENDA PINDURA SAIA”.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Centro de Comunicação,
Turismo e Artes/Departamento de Artes
Cênicas da Universidade Federal da Paraíba –
UFPB, como exigência parcial para obtenção
do grau de Licenciado em Artes/Dança
Licenciatura Plena.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Barbosa
Schulze

JOÃO PESSOA

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F6341 Flores, Josinaldo de Farias.

Do lúdico às competições: um estudo de caso com a quadrilha junina "Fazenda Pindura Saia" / Josinaldo de Farias Flores. - João Pessoa, 2024.

41 f. : il.

Orientação: Guilherme Barbosa Schulze.

TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança (Licenciatura) - TCC. 2. Festas populares.
3. Quadrilhas juninas - João Pessoa, PB. 4. Folgedos -
Cultura popular. I. Schulze, Guilherme Barbosa. II.
Título.

UFPB/CCTA

CDU 793.3(043.2)

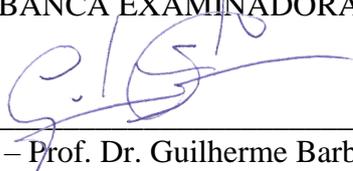
JOSINALDO DE FARIAS FLORES

**DO LÚDICO ÀS COMPETIÇÕES: UM ESTUDO DE CASO COM A QUADRILHA
JUNINA “FAZENDA PINDURA SAIA”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Centro de Comunicação,
Turismo e Artes – CCTA/Departamento de
Artes Cênicas – DAC da Universidade Federal
da Paraíba – UFPB, como exigência para
obtenção do grau de Licenciado em
Artes/Dança Licenciatura Plena.

Aprovado em 30 de abril de 2024

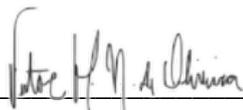
BANCA EXAMINADORA:



Orientador – Prof. Dr. Guilherme Barbosa Schulze
(CCTA/DAC – Universidade Federal da Paraíba)



Membro – Prof. Dr. Elthon Gomes Fernandes da Silva
(CCTA/DAC – Universidade Federal da Paraíba)



Membro – Prof. Dr. Victor Hugo Neves de Oliveira
(CCTA/DAC – Universidade Federal da Paraíba)

Dedico este trabalho a todas às pessoas que tornaram possível sua realização. Estando elas, no campo do plano material, quanto no campo do plano espiritual. Sem a participação das mesmas, mesmo de forma indireta, as vivencias e as trocas de experiências, não teriam sido possíveis para oportunizar a conclusão dessa conquista acadêmica em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos mais que louváveis, primeiramente aos meus pais: João Batista Costa Flores (*in memória*) e Josefa de Farias Flores, por desde pequeno me incentivarem que todas as conquistas pessoais e profissionais só advêm de esforços obtidos junto a educação. Aos meus filhos: Brunna Lethícia da Silva Flores, Jayne Rodrigues da Silva Flores e Thommas Kevin Sales Flores, por sempre me darem força espiritual, mental, físico e moral na obtenção de dias melhores para a nossa família. Aos meus irmãos: Josevaldo, Josivânia, Josinilson, Josiclaudio, Josineide e *in memória*: Josilâneo e Josivando. Agradecer a todos os demais familiares (tios, tias, primos e primas), que me circundaram de carinho e cuidados, os quais me mostraram o valor de um núcleo familiar, com toda a complexidade que envolve uma convivência que tem os seus costumes, confusões, tristezas e alegrias. Dentre os meus parentes, gostaria de agradecer especialmente, á meus avós maternos: Austriciliano de Farias e Maria das Dores, bem como a minha avó paterna: Francisca Félix e a meu avô paterno, *in memória*: Lourival Costa, por fazer da minha infância a mais bela de todas nesse mundo.

Aos meus professores do ensino fundamental (I e II), Ensino médio, os quais me ensinaram valores de respeito ao próximo e, elevaram a minha formação social, intelectual e cultural, a um nível mais que satisfatório na lida parcial com os meus semelhantes, de forma ética e humanitária, contribuindo assim, para um mundo mais humanizado onde o respeito ao próximo, sobressaia à ganância profissional e pessoal.

Externar agradecimentos mais que justas ao corpo docente do Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA, através do Departamento de Artes Cênicas – DAC e, à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena m Dança, que não pouparam esforços, no sentido de prover de excelentes conteúdos programáticos, as disciplinas do Curso de Dança, não só meramente, em simples momentos de aulas teóricas e práticas, más em acontecimentos únicos, na busca incessante pelo engrandecimento curricular de cada um dos alunos do curso.

Agradecimentos especiais aos professores de todas as disciplinas da grade curricular do Curso de Licenciatura Plena em Dança - UFPB, muito mais em especial, ao Professor Guilherme Barbosa Schulze, que me ensinou desde o início do curso, a ver e a respeitar a dança de forma planejada, aberta e multidisciplinar no que concerne ao seu ensino nas escolas e no que fazemos no dia-a-dia em cada segmento que escolhemos para nos afirmamos como professor e mantenedor dessa arte, ele também me orientou junto ao TCC I e ao TCC II, no que fez com que eu a cada dia, me encontrasse cada vez mais, nos caminhos a serem percorridos para a realização dessa nova conquista em minha jornada na busca dos conteúdos

a serem inseridos aqui nesse TCC, no qual me fez entrar de cabeça e a me relacionar com os assuntos abordados de forma a cada vez mais, me tornar uma pessoa e um profissional da dança cada vez mais humano e aberto às percepções que circundam nosso ambiente de trabalho como Licenciado em Artes/Dança.

Enfim, gostaria de agradecer a todos que fazem a Universidade Federal da Paraíba – UFPB, campos: Cidade Universitária/João Pessoa, desde os mestres aos mais simples funcionários, por proporcionar aos membros da nossa coordenação, as devidas condições, para que os mesmos pudessem atender com primor à demanda que um curso complexo como este, que envolve aulas teórico/prático requerem.

Agradecer aos meus colegas de turma, que me incentivaram à todo momento, direta e/ou indiretamente, eles foram grande parte da motivação que mantive durante todos SOS semestres do curso. Realmente foi uma nova família que foi formada ao longo do percurso, os quais não foram fáceis, mas que em momento algum, me fizeram pensar em desistir. Posso dizer que essa amizade que foi criada na formação dessa nova família formada durante o percurso deste curso com meus colegas, ficará bem guardado num cantinho especial do meu coração.

RESUMO

Este trabalho aborda, as principais transformações que as quadrilhas juninas sofreram ao longo dos últimos 20 anos, na Cidade de João Pessoa-Pb, especificamente, com a proliferação dos concursos e festivais de quadrilhas juninas, muito em especial, pelo advento da implementação das temáticas, que norteiam desde então, as pesquisas culturais, a elaboração de roteiro musical, a montagem coreográfica, a definição de figurino, adereços e cenografia, os quais modelam os espetáculos nos concursos da atualidade. Este artigo se desenvolveu através do estudo de caso realizado junto à quadrilha junina Fazenda Pindura Saia do bairro da Torre e, utilizou-se do artifício da análise de depoimentos de ex-participantes do grupo junino supracitado, bem como, de outros envolvidos com o movimento folclórico e cultural na capital paraibana. Além dessas participações acima descritas, também me coloco no centro dessa interlocução, tendo em vista, que sou membro efetivo da família que fundou a quadrilha junina em foco. No qual, vou relatando algumas das transformações por mim vivenciadas ao longo do tempo e, para obter através dos procedimentos metodológicos ora implantados, a interpretação e a análise das questões que envolveram os paradigmas da construção do pensamento central aqui exposto. Ressaltamos porem, que objetivamos antes de tudo, a investigação e a elucidação de fatos que ocasionaram tais transformações, as quais se deram no âmbito organizacional, estrutural e na dinâmica da formação, na montagem e, em especial, na exibição da quadrilha junina em nossa cidade. Isso tudo, através de fatos que iremos desvendar por intermédio das pesquisas e por meio de fatos e relatos obtidos em entrevistas com atuais e ex-membros da quadrilha junina Fazenda Pindura Saia. Bem como, através da fala de espectadores, que acompanharam o desenvolvimento do grupo no bairro da Torre, os quais vivenciaram de perto, essas mudanças em pleno desenvolvimento. Como também, das falas de pessoas influentes no meio artístico, folclórico e cultural, os quais poderão ajudar a tecer essa colcha de retalho feita de “recortes de memórias”, nos aspectos e nas práticas sociais presentes na manifestação desse folguedo junino.

Palavras-chaves: cultura popular; folguedos; quadrilhas juninas; transformações.

ABSTRACT

This work addresses, the main transformations that the June gangs have undergone over the last 20 years, in the City of João Pessoa-Pb, specifically, with the proliferation of competitions and festivals of June gangs, especially in the advent of the implementation of the themes , which have guided cultural research, the elaboration of musical scripts, choreographic editing, the definition of costumes, props and scenography, which shape the shows in today's competitions. This article was developed through a case study carried out with the June gang Fazenda Pindura Saia in the neighborhood of Torre and, using the artifice of the analysis of testimonies of former participants of the aforementioned June group, as well as of others involved with the movement folk and cultural in the capital of Paraíba. In addition to the participations described above, I also place myself at the center of this dialogue, bearing in mind that I am an effective member of the family that founded the June gang in focus. In which, I report some of the transformations I experienced over time and, to obtain through the methodological procedures now implemented, the interpretation and analysis of the issues that involved the paradigms of the construction of the central thought exposed here. We emphasize, however, that we aim above all, the investigation and elucidation of facts that caused such transformations, which took place in the organizational, structural and dynamics of formation, in the assembly and, especially, in the exhibition of the June gang in our City. All of this, through facts that we will unveil through research and through facts and reports obtained in interviews with current and former members of the June gang Fazenda Pindura Saia. As well as, through the speech of spectators, who followed the development of the group in the Torre neighborhood, who experienced closely, these changes in full development. As well as, the speeches of influential people in the artistic, folkloric and cultural environment, who can help weave this patchwork made of "cutouts of memories", in the social aspects and practices present in the manifestation of this June revelry.

Keywords: popular culture; playfulness; june gangs; transformations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	12
2 Iniciação às manifestações DA CULTURA POPULAR	12
2.1 Bairro da Torre: celeiro folclórico e cultural.....	19
CAPÍTULO II.....	21
3 Emprego, trabalho e renda no ciclo junino.....	21
3.1 No percurso temporal das danças populares	22
3.2 Conceitos da origem da quadrilha	25
3.3 Princípio metodológico operacional da quadrilha.....	25
3.4 Princípio organizacional das quadrilhas	27
3.5 Transição marcador animador	28
3.6 Evolução no status da personagem rainha.....	31
3.7 Da expressão “traje” a expressão “figurino”	32
3.8 Ação do Poder Público Municipal no desenvolvimento dos grupos juninos de João Pessoa.....	33
4 CONSIDERAÇÕES	36
REFERÊNCIAS	41

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo primordial, relatar as principais transformações e/ou inovações ocorridas nas quadrilhas juninas da capital paraibana a partir do ano 2000, devendo-se em muito, ao trabalho de resgate das memórias, as quais através de intensa pesquisa foram feitas por consulta oral a ex-integrantes da quadrilha junina Fazenda Pindura Saia do bairro da Torre em João Pessoa–PB.

A Fazenda Pindura Saia, aqui se apresenta como estudo de caso, para nos auxiliar a delimitar nosso trabalho, já que ela é considerada a quadrilha mais antiga da Paraíba e consecutivamente do Brasil. Tendo a mesma, sua fundação oficial na data de 1946, porém, com uma pausa em suas atividades folclóricas e culturais, no período de 2011 a 2018, tendo como causa dessa parada, uma série de problemas, que foram enfrentadas pelo grupo junino no período da paralisação das suas atividades, as quais decretaram essa pausa nas suas manifestações populares.

A principal questão aqui, se dar em verificar em que momento a quadrilha junina na cidade de João Pessoa, passa do lado lúdico para o lado competitivo, no qual os anos 2000 foi o marco da transição dessas transformações, data onde os grupos iniciaram seus trabalhos baseados em temáticas juninas, para compor os trabalhos artísticos, visando não mais meramente animar os festejos da sua comunidade, mas visando participar dos diversos concursos de quadrilhas juninas que já se proliferavam por toda a cidade e interior.

Acreditamos que por causa da proliferação desses concursos de quadrilhas e, especialmente, pelo incremento das temáticas aos espetáculos juninos, essas mudanças possam ter acelerado as inovações como elas se apresentam hoje em dia. Portanto, convido a todos, a viajarem pelo mundo da história da quadrilha junina Fazenda Pindura Saia, para que através dela, possamos ir desvendando algumas das inovações desenvolvidas nas demais quadrilhas juninas de João Pessoa, especialmente nos últimos vinte anos.

A Torre é um dos bairros mais tradicionais de João Pessoa, sua fundação se deu entre os anos 20 e 30 na cidade de João Pessoa-PB, o bairro se orgulha de ser celeiro de movimentos populares como: cirandas, cocos, tribo indígena carnavalesca, escola de samba, clube de orquestra de frevo e quadrilha junina. Sendo que o clube de orquestra Bandeirantes da Torre – do Mestre Vinicius, a Escola de Samba Malandros do Morro – do Mestre Orlando e a Fazenda Pindura Saia – do Coronel Pafonso e Coronel Cutia, são entre todas, as manifestações tradicionais ainda existentes no bairro e, que durante as entrevistas, sentimos que a população do bairro mantém grande carinho e admiração por essas atividades.

Dessa forma, apresentaremos nos parágrafos que seguem, nos dois capítulos, um breve roteiro desse estudo de caso contido neste trabalho. Inicialmente, apresentaremos como se deu a iniciação às manifestações culturais do autor e, as suas contribuições para a organização do movimento junino em João Pessoa, na Paraíba, nos demais estados do Nordeste e do Brasil. Em seguida, fala um pouco do bairro da Torre, comunidade onde nasceu e, onde foi fundado o grupo junino Fazenda Pindura Saia, objeto de estudo deste trabalho contextualizado no 1º capítulo. Em seguida, veremos no segundo capítulo, um pouco da economia gerada no ciclo junino pelas festividades de São João. Bem como, se deu a evolução de uma dança que saiu do campo, frequentou os mais nobres salões europeus, retornou em outro continente e em um outro contexto, ao seio dos festejos campais. Passaremos por alguns conceitos, princípios metodológicos operacionais e organizacionais das quadrilhas juninas hoje em dia. Veremos ainda a transição da função do personagem do marcador para a do animador e, a evolução do status da personagem rainha e da mudança da expressão traje para a expressão figurino que evidenciam as transformações das quadrilhas juninas nos últimos 20 anos em João Pessoa. Finalizando com uma amostragem de como as ações do governo municipal atua no desenvolvimento cultural junto aos grupos juninos da capital paraibana, norteador a política pública voltada para o segmento cultural em João Pessoa.

CAPÍTULO I

2 INICIAÇÃO ÀS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR

Sou bailarino folclórico, pesquisador cultural, coreógrafo, marcador de quadrilha junina e ministrante de oficinas de danças populares nordestinas (danças populares de cunho a ser inserido em espetáculos juninos). Isso já há quase trinta anos. Hoje no auge dos meus cinquenta e um anos de idade e, com quase quarenta desses, totalmente dedicados ao universo das Quadrilhas Juninas e, em especial a Fazenda Pindura Saia, fundada no bairro da Torre na Cidade de João Pessoa – PB, no ano de 1946, por iniciativa da família Costa Flores, os quais, ainda hoje, são os mantenedores dessa brincadeira, atualmente, por motivo de morte e velhice da grande maioria deles, essa incumbência está sob minha responsabilidade. Ressalto ainda, que participei como dançarino no grupo para-folclórico do SESC/PB, onde lá, passei dezesseis bons anos, envolvido com as suas atividades folclóricas e culturais e, que através dele, consegui conhecer quase todo o Brasil.

Atualmente, me encontro finalizando o curso de graduação em licenciatura plena em dança, pela Universidade Federal da Paraíba, tendo dessa forma, mais de dois terços da minha idade, totalmente dedicados a participação, manutenção, propagação e organização do movimento junino na Cidade de João Pessoa, onde na Associação das Quadrilhas Juninas da Grande João Pessoa (já extinta), fui sócio e diretor de 1987 até 2001. Na Paraíba, por intermédio da criação da Federação das Quadrilhas Juninas do Estado da Paraíba – FEQUAJUNEPB, onde fui o fundador e presidi por dois mandatos de quatro anos (de 2002 a 2010), realizando um trabalho de organização dos grupos, dando-lhes consultorias para criação das entidades municipais e regionais, prestando apoio aos grupos na transição da sua personalidade física para jurídica e, oficializando o evento estadual que definia a campeã paraibana desse segmento folclórico e cultural no estado.

Na região Nordeste juntamente em 2003, com outros dirigentes estaduais, fundamos a UNEJ – União Nordestina de Entidades Juninas e, um ano antes, fundamos a CONFEBRAQ – Confederação Brasileira de Quadrilhas Juninas, as quais realizam atividades como assembleias, fóruns, treinamentos para jurados de concursos e eventos de cunho competitivo de quadrilhas juninas e destaques ligados ao segmento, tanto a nível regional quanto a nível nacional, anualmente.

Voltando a quadrilha Junina Fazenda Pindura Saia, ela teve uma significativa parcela de importância durante todo esse processo organizacional paraibano, nordestino e brasileiro,

pois jamais, naquele momento, eu poderia fazer parte e liderar, nenhum desses movimentos (estadual, regional e nacional) do segmento, se não fosse dirigente de algum grupo junino em meu estado. E nesse ponto em especial, ela foi muito importante também para o desenvolvimento do folgado junino paraibano, na região nordestina e, especialmente no restante das regiões brasileiras.

Outro importante aliado naquele momento de ascensão do meu nome junto ao movimento junino paraibano no ano de 2002 – foi o Sr. Pedro Candido Santos Neto, na época, Coordenador do Grupo Folclórico do SESC/PB, ele cedeu grande espaço, dentro das suas possibilidades quanto coordenador junto ao SESC/JP, como todas as ajudas possíveis para que a FEQUAJUNEPB, realizasse sua fundação e iniciasse a partir daí, sua trajetória de bons frutos juntos aos seus afiliados (as quadrilhas da Paraíba), ajudou inclusive a realizar dentro das dependências do próprio SESC em João Pessoa – no ano de 2003, o primeiro concurso estadual oficial da categoria e, conseguiu o apoio para que a FEQUAJUNE e a UNEJ no ano de 2005, realizassem um dos maiores eventos regionais de quadrilhas juninas aqui no Estado. O qual podemos dizer que foi o marco das transformações nos grupos juninos, a partir daquele evento “Nordestão” onde a LUMIA de Pernambuco deu um show de harmonia e simpatia jamais visto antes, levando a platéia e os jurados ao delírio.

Assim, por vivenciar e, ao mesmo tempo, observar a trajetória artística e cultural de grande parte dos grupos juninos na capital paraibana, interior e na região nordeste, fui tomado por um sentimento de dever, para falar um pouco das transformações que o movimento junino em João Pessoa sofreu a partir desses últimos vinte anos, especialmente, como citei acima, por ter vivido boa parte dessa história em pleno movimento e, muito especial, através da minha participação junto a Quadrilha Junina Fazenda Pindura Saia, esperando com isso, contribuir para a memória da nossa história e dando os devidos méritos a quem de direito os obteve durante todo o processo de organização e desenvolvimento do movimento junino, não só em João Pessoa, mas em todo o território paraibano, nordestino e brasileiro.

Vale ressaltar, que a Quadrilha Junina Fazenda Pindura Saia é detentora do título de quadrilha junina mais antiga do Brasil e, por ter parado entre o período que compreende os anos de 2011 e 2018, outro grupo junino quis se apoderar desse status, sem obtenção de êxito, já que o grupo mesmo tendo parado por oito anos suas atividades com a quadrilha junina principal, ela se manteve com sua quadrilha mirim atuando no bairro e na cidade, sendo assim, ainda a mais tradicional do Brasil com 74 anos de fundação oficial em 2020. A Fazenda Pindura Saia, já reunia desde o ano de 1934, amigos e familiares daquela comunidade para festejar o ciclo junino, mas sem ter ainda o nome que carrega até hoje, fato

que quase se confunde com a história da fundação do próprio bairro no ano de 1928, sua fundação oficial data do ano de 1946, através do Sr. Lourival Costa Flores, tornando-se um dos mais famosos grupos juninos do Nordeste e que hoje se denomina: a quadrilha junina mais tradicional do Brasil.

Dessa forma, a festividade que surgiu pura e simplesmente para animar os folguedos juninos da população no bairro da Torre e circunvizinhança, tornou-se a maior referência da animação no período junino na cidade de João Pessoa nos festivais e concursos do segmento cultural. Segundo o respeitoso jornalista Walter Santos, em sua matéria na página na internet “www.wscom.com.br”, do dia 25 de março de 2017, a qual tem como matéria principal o seguinte tema: “Bairro da Torre tem a primeira e mais antiga Quadrilha Junina”, e enaltecendo o seguinte:

Quando chegava São João a gente se misturava no público, é porque só dava a Pindura Saia, na Rua Feliciano Dourado, com Lourival Costa, Bomba Roca e João da feira comandando de forma espetacular... [...] todos sob o comando de Bomba Roca, o taxista que se transformava no melhor puxador de Quadrilhas que já vi. Este mundo de saudades que ainda hoje me faz lembrar de Severino e Zeferina (meus avós), de Antonio Candido (meu pai) e dos tios querido Darc, Lourdes, Nita, Binha e meu mestre folclorista Pedro Candido. (Santos, 2017).

A Fazenda Pindura Saia, no dia de São João (dia 24 de junho), todos os anos, realizava grandes arrastões festivos com seu cotejo junino pelas principais ruas de sua comunidade, onde as pessoas acompanhavam a pé, o cortejo de cavalos e carroças em ritmo de festividade junina, com queima de fogos e trio pé de serra tocando música ao vivo animando as ruas do bairro. As carroças enfeitadas com palha de coco e adornadas com bandeirolas coloridas, que seguiam puxadas por burros, cavalos e/ou éguas, essas carroças eram muito bem decoradas, pois cada quatro pares da quadrilha tinha a incumbência de se reunir para decorar a carroça que iriam utilizar durante o cortejo, chegavam a ter mais de trinta carroças totalmente enfeitadas que acomodavam os mais de sessenta pares de dançarinos e, outros, iam montados a cavalos à frente do cortejo, como se fossem os abre alas para aquela festança ir passando rua a rua, e dessa forma, realizava a festividade do bairro e de comunidades circunvizinhas, conforme esses registros antigos mostram abaixo (Figuras 1 e 2).

Figura 1 - João Martinse João Batista - Junina Pindura Saia Cortejo Junino (Torre, junho de 1960)



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 2 - João Batista e Maria Damásio – Junina Pindura Saia Cortejo Junino (Torre, junho de 1968)



Fonte: Arquivo pessoal

Imagens de cortejos juninos da quadrilha junina Fazenda Pindura Saia, no bairro da Torre, onde seguiam a frente, cavalos com os coronéis e vaqueiros na década de 60:

Retornando novamente ao movimento junino pessoense, paraibano e nordestino, posso falar sem sombra de dúvidas, que ao longo desse período, fui um dos maiores entusiásticos e, especialmente, fui um verdadeiro batalhador pela unificação do movimento junino em João Pessoa e na Paraíba, onde em 2002, iniciei com a colaboração de diversos companheiros pelo estado, a luta pela fundação da federação das quadrilhas juninas do estado da Paraíba a FEQUAJUNEPB, que foi início dessa conquista para o movimento junino paraibano e, se tornou realidade com a criação das competições estaduais por associação em suas devidas regiões do estado, os quais classificavam para uma etapa final estadual, promovida pela nossa federação paraibana do movimento junino e, junto com ela, a realização de um antigo anseio do movimento junino, nosso primeiro grande evento estadual, que reunia os grupos que se classificavam nas eliminatórias que aconteciam em todas as regiões da Paraíba, organizado pela recém criada entidade junina estadual, no qual contou com a parceria do SESC/João

Figura 3 - Josinaldo Flores e Regina Coeli – Junina Pindura Saia Infantil (junho de 1980)



Fonte: Arquivo: pessoal.

Pessoa e a TV Tambaú – SBT/PB. Enfatizando o que falei sobre minha pessoa anteriormente, tenho um registro pessoal, que demonstra desde cedo a minha participação nessa manifestação folclórica e cultural que atravessa mais de quatro décadas de atividades, a imagem da qual me refiro, era de quando criança e, já estava dando meus primeiros passos na quadrilha junina infantil e, da qual tenho esse único registro fotográfico, o qual marca essa passagem e, por esse motivo, guardo a sete chaves, com muito carinho e saudade dessa época. Nessa foto eu tinha apenas 11 anos de idade e, era um simples componente da quadrilha, apesar de meu tio José Félix Flores (Tio Zeca), ser o marcador da Quadrilha Infantil (que tinha crianças na faixa-etária entre 09 e 15 anos). Nesseano 1980, o nosso grupo infantil tinha uma média de 120 crianças e, era um grupo que subsidiava pessoal para a quadrilha adulta, já que a partir dos 16 anos, os garotos já começavam a integrar o grupo principal, pelo menos até a primeira parte da quadrilha, o que não ultrapassava as 10h. da noite, por causa do juizado de menores, que fiscalizava as palhoças e era muito severo naquele período, com a permanencia de menores em recinto de festividades populares.

Até o ano 2000, eram poucas as transformações, no que diz respeito a forma de realizar os festejos juninos em João Pessoa, as roupas até então, eram os cavaleiros os responsáveis pela compra dos tecidos e aviamentos, tanto a sua própria, quanto a da roupa da sua dama e, quando a dama finalizava a costura do seu traje, tinha como obrigação, confeccionar um lenço, que os cavaleiros colocavam nos ombros para adornar seus trajes, os quais, muitas as vezes, essa relação terminava em namoro. Segundo Elvira D’Amorim e Dinalva Araujo (2003, p. 48), no trecho sobre o ciclo junino em seu livro: “Do lundu ao samba – pelos caminhos do Coco”, fala o seguinte sobre as inovações das indumentárias juninas:

No século XX, até o final da década de 80, o vestuário feminino imitava o modelo dos vestidos das princesas da Corte ou sinhazinhas, filhas dos senhores de engenho. A imitação é que perdura e ainda dá o tom: saia rodada, de mangas fofas, enfeitadas por bicos de renda e armada por pano ou outros enchimentos para aumentar o volume; entretanto, mais curta, confeccionada, principalmente por chita, tecido ordinário de algodão estampado, o qual era denominado de traje “matuto ou caipira”. A indumentária feminina sofreu inovações, ganhando sofisticação ao ser confeccionado com tecidos variados e mais finos, como a Popelina, o Filó, o Veludo e enfeitado de rendas, mas sua feição tradicional vem sendo corrompida, com o aproveitamento para a dança, de roupas próprias de outras culturas como as utilizadas por ciganas e odaliscas. O traje masculino, mais simples que das mulheres, há muito deixou de ser a imitação da moda na Corte do século XIX e passou a identificar o homem do campo pobre: calças compridas ou mais curtas acima do tornozelo, camisas quadriculadas, botas e chapéus, lembrando a roupa “domingueira” dos caipiras, homens da roça ou dos matutos da Zona da Mata, reminiscência da época em que as Quadrilhas foram absorvidas das casas-grandes das Fazendas. (D’Amorim; Araújo, 2003, p. 48).

A roupa da quadrilha geralmente era definida pelo Coronel (marcador) que definia uma estamparia para as calças e camisas dos homens dos dois cordões e, liberava a estamparia dos figurinos das damas, as quais caprichavam no modelo que só se revelava na véspera de Santo Antonio, quando acontecia a grande festa do pedido de casamento (teatro encenado entre os dois cordões, onde um era a o povo das terras do coronel que cedia a mão da noiva, o outro de um fazendeiro visitante que vinha com seu filho solicitar a mão da filha do Coronel, o qual oferecia um dote imaginário), a partir da efetivação e da estruturação dos grandes festivais competitivos nos anos 2000, o figurino passou a ser confeccionado forma padronizada (tanto para os homens quanto para as mulheres), tendo como base agora, uma história a ser desenvolvida em cena (a temática) na qual a quadrilha passou a utilizar-se de um figurinista, para finalizar esse modelo, que serviam para a maioria dos seus integrantes, apenas os destaques (noivos, rei e rainha, marcador e sua dama) tinham figurinos diferentes dos demais. Falando em “tema”, as quadrilhas não tinham a preocupação de elaborar um

enredo naquela época para desenvolver seu roteiro artístico como hoje em dia, a grande preocupação era apenas, de montar seus pavilhões enfeitados, os quais eram armados de madeira e coberto com palhas de palmeiras, geralmente no meio da rua e/ou em um terreno baldio, para então iniciar seus ensaios, geralmente esses ensaios se davam nos sábados, domingos, feriados e aberto ao público, os quais se deliciavam daquele momento para encontrar amigos e, se divertir assistindo ao ensaio, bebendo e comendo produtos típicos confeccionados pelos populares, enquanto aqueles que gostavam de dançar se atrevia a ensaiar os passos que eram cantados pelo seu marcador (Coronel).

Figura 4 - José Coutinho (Coronel Cutia do Riacho do Meio do Pau Inficado), Maria Damásio (ao centro) e João Batista (Coronel Pafonso Filho) – Pavilhão da Junina Fazenda Pindura Saia – Torre/Junho de 1966



Fonte: Arquivo pessoal

As denominações de Coronel para o marcador da quadrilha, de matuto ou caipira para os dançarinos e de fazenda para o arraial, local onde a dança era executada. Atualmente, a roupa masculina segue padrão requintado (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 48).

O marcador que até então era a maior estrela das quadrilhas juninas, passou a perder esse status a partir da efetivação dos trabalhos das quadrilhas com uma temática para montar espetáculo para competir e não mais como quadrilha junina para divertir a população de seu bairro e ou dos bairros circunvizinhos e/ou cidade, quando era convidado para tal finalidade. Hoje em dia, a grande importância é dada a um coreógrafo que montar todo o espetáculo auxiliado por um figurinista que define o figurino de cada grupo definido no espetáculo (teatro, cangaço, noivos, reis, casal junino, marcador, demais integrantes e etc.), o marcador a partir de agora, passa a ter uma nova função (que não é apenas de marcar e ensaiar os passos),

o marcador nessa nova conjuntura, é agora um animador cultural, o qual tem como função principal, narrar a evolução da temática apresentada durante a exibição do espetáculo da sua quadrilha junina. São essas mudanças que serão aqui destrinchadas, nos seus devidos momentos e, feito as devidas considerações, de acordo claro, com o material que será colhido junto a alguns marcadores que ainda estão na ativa e que vivenciaram esse período, bem como, o material que será colhido dos novos marcadores, para através da análise desses materiais, fazer um comparativo entre o que foi positivo ou não dessas transformações aqui expostas. Vale ressaltar que não queremos aqui, trazer uma relação do que foi positivo ou negativo nessas transformações sofridas pelas quadrilhas juninas em João Pessoa, mas apenas, de relatar nua e crua as causas que levaram a essas transformações, tanto no âmbito sócio-cultural, quanto no aspecto da plasticidade e envolvimento desse novo público que a quadrilha está atraindo com suas inovações, especialmente no tocante à sua forma organizacional. Como afirmam em suas palavras Elvira e Dinalva:

[...] Deixando de ser apreciada nos salões, a dança Quadrilha foi absorvida pelas camadas populares, com função lúdica, e sofreu adaptações, envolvendo música, ritmo e instrumentos musicais, além de novos passos e coreografia. Sem acesso do povo ao piano, o acompanhamento instrumental passou a ser, inicialmente, o do acordeom, viola ou violão, conservando passos da Valsa, da polca e da Mazurca. Depois, ganhou andamento mais alegre ao som da percussão, sendo introduzido o miudinho, dança de par enlaçado, brejeira, delicada, com pequenos passos, lembrando o Lundu, de origem africana, sendo concluída por Galope. Levando-se em conta um contínuo processo de aculturação em seu percurso histórico, nas diversas regiões brasileiras onde ainda hoje é executada, houve uma multiplicação de seus passos. (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 46,47)

2.1. Bairro da Torre: celeiro folclórico e cultural

O bairro da Torre sempre foi bastante movimentado, especialmente, no que refere as manifestações folclóricas e culturais, desenvolvidas em seus diversos logradouros, a comunidade dispunha de diversos tipos de diversões como cocos, cirandas, tribo indígenas, clube de orquestras, escola de samba, terreiros de umbandas, emboladores e violeiros. Era realmente um grande celeiro artístico e cultural, onde diversos artistas e grupos folclóricos, musicais e cênicos se destacavam no bairro. Segundo o professor Hélio Serrano (2018) em

seu livro intitulado: “Bairro da Torre – história, singularidade e resistência”, destaca o seguinte sobre a cultura popular no bairro da Torre:

O bairro da Torre desde o seu surgimento, sempre foi rico em manifestações das culturas populares: suas festas religiosas, suas tradicionais lapinhas, várias casas de umbandas, suas quadrilhas juninas (fazendas juninas), cocos de roda, cirandas, jogo das argolas, abarca ou nau catarineta, malhação do Judas, pau de sebo, clubes de orquestras, blocos carnavalescos, cantores, compositores, seresteiros, poetas e artistas plásticos (Serrano, 2018, p. 13).

A Torre no seu carnaval, contava com a animação dos e também com o desfile do Clube Carnavalesco Índios Africanos, Clube Carnavalesco Camponeses Fadistas, Clube de Orquestra Bandeirantes da Torre, Escola de Samba Malandros do Morro, Bloco Carnavalesco Tribo Indígena Pele Vermelha, Troças, Batucadas e Charangas. No São João, tínhamos inúmeros grupos juninos que eram denominados de fazendas, dentre elas podemos citar algumas como: Pindura Saia, Beira Rio, Coqueiro, Pó de Serra, Lampião, Balança Saia, Segura Saia, Arraial da Alegria. Tivemos ainda conjuntos, bandas e grupos musicais como Os Gatos Pretos, Os Brasões, Os Califas, Os Diabólicos, Ave Viola, Os iguais, Reluz e Chameguinho do Forró.

Pedro Candido, na ocasião de uma entrevista concedida a uma matéria realizada por uma revista eletrônica no dia 05/03/2017, fala um pouco sobre as manifestações populares ocorrentes no bairro da Torre, se bem que na época dessa entrevista, ele não era mais o coordenador do grupo folclórico, porém ainda era importante funcionário do SESC/PB, ele também é membro da ilustre família Candido Torres, uns dos primeiros moradores dessa comunidade, na qual descreve com riqueza de detalhes, sua rica infância no bairro. No seu relato em entrevista, ele enfatiza que havia uma série de atividades folclóricas e culturais que movimentavam e motivavam as pessoas a saírem de suas casas voluntariamente e a caírem na brincadeira, mesmo sem saber, que aquilo se tratava de uma manifestação popular, ele vivenciou tudo aquilo bem de perto, e inclusive com participação ativa em algumas atividades da época de infância, conforme ele mesmo explica.

Naquela época no bairro da Torre, existiam muitas manifestações folclóricas, eram uma coisa do nosso cotidiano, a gente participávamos dessas manifestações pelo lazer, pela brincadeira, que era a opção do momento, não como hoje! Então a gente dançava o coco de roda, a gente dançava a nau catarineta, no carnaval nós tínhamos o bloco de Delegado “o cordão dos puxa-sacos”, os bandeirantes da Torre e, depois veio a escola de samba malandros do morro que meu pai criou (Severino Candido). E no São João, tínhamos a maior referência da festividade junina a Fazenda Pindura Saia do grande coronel de quadrilha Lourival Costa, ele que conseguia parar o comércio, parar a rua, parar tudo, quando ele vinha pelas ruas desfilando com sua quadrilha em cavalos e em carroças. (Santos, 2017).

CAPÍTULO II

3 EMPREGO, TRABALHO E RENDA NO CICLO JUNINO

É sem sombra de dúvida, um dos fatores que mais é estudado pelos órgãos de economia nacional, é a lucratividade que o turismo nas principais cidades da região nordestina, trás para todos os seguimentos da economia local no período da festividade do ciclo junino

Festas juninas movimentam a economia da Região Nordeste - Previsão é que os turistas deixem no Nordeste cerca de R\$ 75 milhões. Quando chega o mês de junho, os caminhos trazem ao Nordeste. É o que mostra uma pesquisa do Ministério do Turismo e da FGV (Fundação Getúlio Vargas) sobre as intenções de viagem dos brasileiros. 49,3% dos entrevistados disseram que o Nordeste é o destino favorito deles. E tem as quadrilhas juninas, que fazem verdadeiros espetáculos. São mais de 100 em Sergipe e muitas chegam a fazer até três apresentações por noite. Isso é bom para as costureiras, que cobram em torno de R\$ 200 por peça para fazer a roupa dos quadrilheiros. "O bolso agradece", diz uma costureira. São João é sinônimo de mais dinheiro também para os sanfoneiros. São mais de 500 trios de forró em Sergipe, mesmo cobrando cachê dobrado, é tanto show que alguns recusam trabalho. "Se você liga em cima da hora, às vezes você dá sorte", conta o sanfoneiro pé de serra Erivaldo de Carira. Os turistas aproveitam e devem deixar em Sergipe mais de R\$ 75 milhões. Na Paraíba, tem muita festa também em Campina Grande (PB). São mais de 300 atrações, 90 quadrilhas e 85shows se apresentarão no palco principal. O evento acontece no Parque do Povo, no centro de Campina Grande, uma área de 42 mil metros quadrados. Por lá, devem passar, até o final do mês, 2 milhões de pessoas. Nos pequenos palcos espalhados pelo local da festa, se apresentam 150 trios de forrozeiros. São mil horas de forró (Suzanne; Delmiro; Barbosa, 2014).

Aqui em João Pessoa, neste ano de 2019, eram vinte e seis grupos juninos, os quais movimentam o comércio de tecidos, aviamentos, calçados e adereços de cabeça (arranjos e chapéus), bem como, promoveram uma renda extra para as costureiras, artesãos, aderecistas, cenógrafos, coreógrafos, atores, músicos e cantores. Sem falar nos transportes que os grupos utilizaram para se locomover para realizar suas apresentações.

Vale ressaltar sem soma de dúvidas que as quadrilhas são verdadeiras fontes de movimentação de trabalho formal e informal, especificamente nos meses que antecedem o mês das festividades. Anualmente, os grupos realizam uma grande peregrinação nos bairros da capital paraibana, tanto em encontros como em eventos competitivos, levando animação e, especialmente, movimentando a economia formal e informal por toda João pessoa.

Sem falar na qualidade de vida, que a quadrilha junina promove aos seus integrantes, pois quem pratica essa atividade, é nítido ver estampado na face do quadrilheiro, a satisfação espontânea e a felicidade de fazer parte de um grupo e de poder contribuir significativamente para com a manutenção do folguedo popular que mais anima o povo nordestino.

3.1 No percurso temporal das danças populares

Amplamente difundido em diversos livros sobre artes, que data do século III, a forte importância da dança como grande elemento no misticismo cristão, porém só a partir da alta idade média, onde a igreja aceita, reconhece, oficializa e integra à rituais divinos, as quais, foram bastantes importantes XVIII nas liturgias católicas espanhola. Mesmo sendo essas danças perseguidas, por essa mesma igreja, por elas terem aspectos pagãs demasiadamente vinculadas à velhas práticas religiosas. No livro “A dança” (Mendes, 1985), a autora enaltece o que relatamos acima e, acrescenta o seguinte: São visíveis ainda hoje os traços da antiga cultura dançante em velhas culturas camponesas européias, nas quais a dança representa importante papel nos ritos mágicos, nos costumes da vida familiar, na economia pastoril e agrícola.

A versão onde a quadrilha tem sua origem inicial na Holanda é pouco difundida entre os pesquisadores da dança, entre estes, está a Professora da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, Miriam Garcia Mendes, que em seu livro intitulado “A dança” (1985, p. 19), ressalta o seguinte: “[...] As danças medievais e renascentistas, que evoluíram para as de corte ou de salão, bem como, as de teatro, têm com origem comum as danças populares”.

Reforçando a versão mais provável, de que a quadrilha é uma contradança de cunho campal e, que tenha surgido nos campos ingleses, durante a guerra dos cem anos, entre ingleses e franceses, no período de 1337 a 1453, tenha sido absorvida e levada para animar os salões da corte francesa já que a vitória na guerra tenha sido decisiva para a consolidação da

Figura 5- Quadrilha de corte francesa



Fonte: Roberta Ramalho

monarquia na França e, devido a sua enorme difusão ganhou os mais diversos salões por toda a Europa. Ainda segundo a escritora Miriam Garcia Mendes (1985, p. 19): “[...] A *basse-danse* (dança-baixa), nobre e grave, muito difundida em todas as cortes das províncias francesas, dominou soberana nos meios senhoriais durante todo o século XV”.

No Brasil, esta contradança chegou por intermédio do advento das constantes guerras provocadas por Napoleão Bonaparte, o que fizeram com que, o Rei de Portugal, com ajuda da corte inglesa, fugisse com toda a família real para o Brasil, onde aqui aportaram no ano de 1808 na Cidade do Rio de Janeiro, dando início oficialmente a esta dança em solo brasileiro, já que com Dom João VI, vieram professores franceses para ensinar aos membros da corte portuguesa, que aqui já estavam instaladas, a arte dessa contradança que era febre nos salões Europeus naquele período. Em entrevista a revista eletrônica crescer, Luciana Chianca, que é professora de Antropologia da UFP afirma o seguinte sobre D. João:

[...] há vários registros que apontam D. João como um grande apreciador de quadrilhas. “Era uma dança nobre e elegante que envolvia passos leves e postura ereta” afirma. “Aos poucos, ela foi sendo imitada pela população, os passos foram se misturando com influências locais e as ordens antes dadas em francês, língua das cortes européias, passaram a ser em português (Chianca, 2007 *apud* Malacarne, 2016).

Sendo o primeiro lugar em que a quadrilha se tornou popular, por ter sido no Rio de Janeiro, que a corte portuguesa se instalou ao chegar no Brasil. A professora Luciana Chianca (2007) diz o seguinte: “Como as elites costumavam viajar, ela também foi se espalhando para zonas rurais. Depois da proclamação da República, os elementos da vida da corte foram rechaçados nas cidades e houve uma renovação no repertório artístico e cultural das elites”. Enfatizou ainda: “que a quadrilha continuava sendo considerada elegante e dançada em ocasiões especiais, principalmente casamentos. Por isso, um dos elementos principais da dança atualmente são os noivos recém-casados”. Ressalta ainda: “Quando a quadrilha volta para as zonas urbanas no século XX, ela já vem associada ao rural, aos santos de junho, a comida típica e a música”. A Quadrilha, ainda segundo afirma a professora Luciana Chianca: “É uma dança que se enquadra muito bem no espírito do São João por ser dançada em pares e de forma coletiva”. No livro “Do Lundum ao Samba: pelos caminhos do coco”, no capítulo sobre o Ciclo Junino, temos a seguinte explicação sobre a tradição dessa festividade.

Todo um conjunto de tradições que hoje preservamos, como pertencentes as festas juninas, tem raízes nos cultos agrários celebrados pelos pagãos, que, crendo nos cultos paganismos, e nos vários deuses que imaginavam existir na natureza. O sol era o “DEUS” responsável pelo sucesso da colheita, sendo alvo de admiração e de

adoração pelo poder sobre natural que imaginavam possuir. Daí o costume de acender fogueiras nos lugares altos e mesmo nas planícies; as danças ao redor do fogo, os saltos sobre as chamas (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 33).

Aqui no Brasil, com o passar dos tempos a festa junina ganhou contornos regionais, ligados a pesca, como em Florianópolis – SC, com a pesca da Tainha, que se comemora no dia 29 de junho (dia de São Pedro pescador). No Norte e no Nordeste, em todos os estados, as datas, os santos e os motivos comemorativos são os mais diversificados possíveis, iniciando-se com o louvor a São José no dia 19 de março, considerado o padroeiro dos trabalhadores, diz o dito popular: “que se chover no dia dele, a fartura no campo é certa!”. Santo Antônio, comemora-se no dia 13 de junho, considerado o santo casamenteiro, segundo crendices muitos enamorados fazem simpatias e orações pedindo-lhe que arranje um casório. Já o santo que dá nome a toda festança do ciclo é São João e é comemorado no dia 24 de junho, por ser uma referencia direta ao mês de nascimento do santo batizado, ficou assim conhecido por batizar os que se convertiam ao cristianismo e, também por ter batizado Jesus, seu primo legítimo, nas águas do Rio Jordão. As historiadoras, pesquisadoras e professoras Elvira D'Amorim e Dinalva Araújo que no capítulo “Ciclo Junino” em seu livro “Do Lundu ao Samba: pelos caminhos do coco” (2003, p. 34), dizem o seguinte sobre a festa junina:

Podemos citar, pelo menos, duas versões para o nome da festa. Antes do pensamento cristão dominar a Europa, as comemorações realizadas em junho cultuavam a deusa Juno, mulher de Júpiter, que fazia parte do pantaleão do Império Romano. Para diferenciar as festas de Juno da festa de São João, a Igreja Católica passou a chamá-las de “joaninas”. Com o tempo, no Brasil, as festas joaninas comemoradas com fogos de artifícios, fogueiras, rezas e muita alegria acabaram sendo mais conhecidas como juninas e se mostraram muito eficazes para atrair a atenção dos indígenas para a ação catequizadora dos padres jesuítas, especialmente porque coincidiam com o período em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 34).

É lindo de ver, como uma cultura que surgiu em outros ares, que provavelmente, tenha tido sua origem nos campos ingleses, tenha sido difundido nas cortes francesas e se propagou pelos mais diversos salões da Europa, tenha vindo ao Brasil por intermédio de uma ocasião de uma fuga de guerra e, ao aportar no Rio de Janeiro, difundida nos saraus elegantes da aristocracia brasileira e, anos depois, ela retorna novamente, ao seio das manifestações populares.

Em meio à festa, moças e rapazes benze-se na fogueira e, em nome do santo, ‘tornam-se compadres, padrinhos, primos ou noivos’. Para isto, gritam em torno da fogueira: “São João me disse, São Pedro confirmou que eu me tornaria compadre de fulano’ (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 35).

3.2 Conceitos da origem da quadrilha

Veremos abaixo, alguns conceitos que reforçam a origem da dança quadrilha, executada nos principais salões dos grandes centros da Europa, segundo uma matéria de revista eletrônica: no qual descreve as seguintes versões para a origem da dança:

1 Quadrilha em Paris – *Quadrille*

[...] A contradança chamada “*quadrille*” foi criada em Paris, na França, no século XVIII. A idéia é que a dança de salão fosse realizada por quatro casais. A elite da Europa dançava *quadrille* e acabou trazendo esse hábito para o Brasil no período de Regência, algo em torno de 1830. A dança era muito apreciada pelos aristocratas. A dança que era muito apreciada pela corte acabou se tornando uma dança apreciada popularmente. A consequência foi que essa dança acabou se fundindo com os hábitos culturais brasileiros que já existiam. Os historiadores acreditam que na verdade a quadrilha junina é uma forma estilizada da dança que era praticada pelos nobres. Para que a dança se adequasse aos costumes brasileiros com o passar do tempo foram sendo feitas modificações como, por exemplo, o aumento do número de casais e alguns passos e ritmos tipicamente franceses que deixaram de ser feitos. Dentre as modificações que os brasileiros fizeram na dança, estão as músicas escolhidas para embalar os dançarinos e o casamento caipira que é feito antes.

2 Quadrilha na Holanda – Influência Portuguesa

[...] Para alguns historiadores a quadrilha é uma dança de origem holandesa que possui influência portuguesa mais especificamente da Ilha de Açores. A dança teve o seu grande destaque no século XVIII na França em que foi batizada como *Neitherse*. No século XVII a dança foi levada dos salões dos burgueses para o ocidente.

3 Quadrilha na Inglaterra – Guerra dos Cem Anos

[...] Outra teoria a respeito da quadrilha credits a sua origem a Inglaterra num período por volta dos séculos XIII e XIV. De acordo com alguns historiadores a dança da quadrilha teria sido levada da Inglaterra para a França durante a Guerra dos Cem Anos. Dessa forma a criação da dança é inglesa, mas quem difundiu a mesma foi a França que levou a dança para palácios fazendo dessa prática uma dança nobre. Depois de chegar a nobreza francesa essa dança se espalhou por toda a Europa e passou a estar presente em todas as festividades da nobreza. No século XIX essa dança chegou ao Brasil através da Corte Real portuguesa. A dança acabou encantando o povo brasileiro e ganhou novos contornos para se adequar ao perfil dos novos dançarinos (Origem..., 2014).

3.3 Princípio metodológico operacional da quadrilha

Tentaremos elucidar aqui, alguns pontos de ordem operacional, na qual nos levarão a algumas elucidaciones de ordem metodológica, no que tange aos caminhos que percorremos para chegarmos a esclarecer os principais pontos conflitantes desse trabalho, muito em detrimento, graças aos diálogos tidos com alguns espectadores, quadrilheiros e organizadores de grupos juninos e organizadores de festivais de quadrilhas juninas, para que algumas dessas mudanças possam aqui ser elucidadas e, para que possamos realizar algumas ponderações que

ressaltar os detalhes sobre as principais transformações aqui descritas, as quais foram acontecendo durante o desenvolvimento das atividades do movimento junino, ao longo dos últimos vinte e cinco anos, decorrentes, especialmente, a partir do surgimento dos concursos de quadrilhas juninas em larga escala, às quais, passaremos a conhecer no desenvolvimento deste trabalho.

Porém, como vimos agora, podemos afirmar que antes de tudo, o entusiasmo saudoso, sobre as atividades juninas no tempo que essas eram puramente lúdicas, abertas e nas ruas, oferecidas semanalmente, em todos os bairros de João Pessoa, nos sábados, domingos e feriados, como uma grande farra local, realizada por esses grupos juninos para a sua comunidade. As atividades competitivas, criaram uma nova forma de fazer quadrilha, cuja na minha avaliação pessoal, mas sem querer menosprezar o que é feito hoje em dia, até porque, também vivencio o que se faz na contemporaneidade, mas no meu ver, é sem alegria, espontaneidade, vivacidade e, especialmente, sem a participação do voluntário comunitário local, onde essas atividades ocorrem, na diversão promovida pelas quadrilhas da atualidade. “Hoje em dia, só os eventos como encontros juninos, lembram de longe, a festa e a alegria que eram os ensaios nos pavilhões, onde no dia de Santo Antonio, havia o pedido de casamento” lembrou o Sr. José Coutinho (trecho de entrevista em março de 2019), ex-marcador da Fazenda Pindura Saia. Hoje em dia, é necessário que o grupo junino, junte um grande número de profissionais, os quais, atualmente, têm funções específicas e, que cuidam de ambientes específicos do grupo, a quadrilha atual, inicia seu trabalho, sempre pela elaboração de uma temática, a qual, demanda a partir daí, como será composto o cenário, a parte cênica, o repertório musical, as coreografias e o figurino do espetáculo proposto.

Esse espetáculo passa por uma delimitação a ser obedecida, como por exemplo: tempo para montar o cenário, passar o som da banda e para a sua apresentação, que dependendo do concurso que a quadrilha vá participar, pode variar entre 20 a 30 minutos, de acordo com o que rege cada regulamento de chamamento desses eventos, os quais, seu nível de complexidade envolve (se é de série de acesso e/ou grupo especial – neste último caso, quando o evento realizado é promovido por órgãos governamentais e/ou entidade de classe). Aqui também falaremos um pouco de como acontece um dos maiores eventos junino da Capital paraibana: De acordo com a Liga das Quadrilhas de João Pessoa – que realiza o concurso de quadrilhas juninas oficial da capital paraibana já há 23 anos, o formato regulamentar, se dá de forma que aconteça o acesso e o decesso, para este ano de 2019, serão 15 grupos juninos compondo o grupo B, os quais buscam o acesso, através de três vagas (1º, 2º e 3º lugares), para que possam subir ao grupo especial no ano de 2020. Já o grupo A, é

composto por 10 quadrilhas juninas que buscam manter-se no grupo especial, más que também ofertará o decesso, aos três últimos classificados neste festival 2019 (8º, 9º e 10º lugares), os quais farão parte do grupo B em 2020.

O Concurso de Quadrilhas Juninas de João Pessoa é uma parceria da Prefeitura Municipal de João Pessoa – através da Fundação Cultural (FUNJOPE) e, acontecerá no período de 13 a 15 de junho do supracitado ano. Para tanto, a Fundação Cultural de João Pessoa, através de edital específico, libera um apoio financeiro, mediante um projeto elaborado com planilha de custo, tabela de aplicação dos recursos, justificativa, objetivos e prestação de contas, que auxiliam esses 25 grupos a se prepararem para as festividades. Bem como, ainda paga aos três primeiros colocados de cada grupo “A” e “B”, uma premiação composta de troféus, certificados e cachê em dinheiro de acordo com os valores especificados para cada nível de classificação do festival nos dois grupos. Como também, antes das festividades propriamente ditas, a fundação promove com todas as vinte e cinco quadrilhas juninas, uma previa da festividade junina, em vários lugares da Cidade.

Essas festividades são chamadas de prévias juninas, fazem com quê, de certa forma, promovam uma volta às festividades lúdicas desse movimento junino como era antigamente, já que não está em jogo uma competição e, simplesmente, as quadrilhas se organizam apenas para dançar para o público que comparecem voluntariamente às atividades programadas para atender as necessidades culturais dos bairros que a prefeitura seleciona previamente para realização dessas prévias juninas. Assim a prefeitura através da sua fundação de cultura em parceira com a entidade de classe do movimento junino vão se organizando e realizando não somente a manutenção dessa cultura popular, mas também a sua propagação no meio social da população periférica da cidade de João Pessoa.

3.4 Princípio organizacional das quadrilhas

As quadrilhas juninas até o advento do surgimento das competições, se organizavam de forma pitoresca, familiar, onde à sucessão entre os seus organizadores se davam de forma hereditária, de pai para filho e, em especial, pela vivência deste no meio artístico, mais ainda, pelo poder de comando que a pessoa detinha nesse segmento cultural. De forma geral, as quadrilhas antes, iniciavam as atividades, dividindo-se em dois cordões, para a contagem dos pares de integrantes, e o número tinha que bater tanto de um lado quanto do outro para iniciar os ensaios. Já a formação hoje em dia se dá por filas, que pode ser por três, quatro ou cinco

casais, onde na primeira fila, sempre vem os destaques da quadrilha. Anteriormente, os destaques eram os que ocupavam as quatro pontas da quadrilha, que numa das pontas estavam o Coronel, que era o primeiro marcador e a pessoa responsável pela condução dos passos, os quais eram cantados antes mesmo de serem executados, na outra ponta, oposta a esse cordão, vinha sempre o segundo marcador e, nas outras duas pontas, geralmente no final de cada cordão, vinham a rainha do milho com o seu parceiro e, o casal de noivos.

O comando se dava sempre pelo marcador principal, que tinha uma seqüência de passos a executar e que geralmente era seguido pelo seu segundo marcador, que na verdade era um aprendiz de marcador principal. Nesse caso em especial, ou seja, na organização da formação para iniciar os trabalhos, não houve tanta mudança assim, já que saiu da formação em linha vertical (dois cordões), para a formação em linhas horizontais (por filas), tendo os destaques principais saído das pontas dos cordões, para ocupar a primeira fila.

Veremos a seguir algumas outras discussões que foram levantadas nas nossas entrevistas com pessoas que apreciam as quadrilhas juninas, com os organizadores dos grupos e com os quadrilheiros, sobre as principais mudanças perceptíveis entre o que tange o nosso questionamento sobre essa linha tênue que se deu entre as transformações no que se refere à ludicidade e a competitividade entre os grupos, as quais trouxeram grandes inovações e, é exatamente sobre essas inovações que falaremos no decorrer desse trabalho e, assim, fazemos um contraponto entre o que se fazia e o que se faz hoje nas quadrilhas juninas, antes do advento dos concursos, que explodiu nos mais diversos recantos da Capital paraibana e em todo o estado. Isso tudo, de acordo claro, no processo de diálogo entre público, organizador e integrante da quadrilha junina.

Pudemos avaliar nas entrevistas que foram feitas até o presente, entre os ex e atuais integrantes da Fazenda Pindura Saia e, entre o público que freqüentam os eventos juninos, pudemos comprovar o seguinte:

não é que as pessoas não gostem das festividades competitivas, elas só sentem falta dos eventos não competitivos, organizados apenas para mostrar a parte da brincadeira sem que haja ali uma tendência de competição entre os grupos envolvidos (fala do Augusto Cesar dos Santos, bisneto do fundador da Pindura Saia)

3.5 Transição marcador animador

De forma geral, essa denominação é a mesma para aquela pessoa que conduz o espetáculo, sendo que a expressão “marcador” remonta o tradicional método de condução no ato de se dançar quadrilha, quando esse condutor “marcador” era realmente o astro principal, a estrela da apresentação de uma boa quadrilha junina naquela época, aquele que fazia do seu estilo, a marca do seu grupo junino, sejam nos ensaios ou quando saiam para realizar suas apresentações e, que mesmo com ensaios regulares, podia haver alterações na ordem dos passos executados, diferentemente do animador cultural, que tem como função primordial, narrar rigorosamente o enredo dentro de uma seqüência imutável do espetáculo junino e, fazer sobressair toda sua criatividade no desenvolvimento na apresentação da temática da quadrilha, tanto no ensaio, quanto especialmente nas suas apresentações, o animador “marcador atual”, tem que fazer com que sua narrativa faça a harmonia entre a história, o repertório musical e as coreografias sejam harmonizadas em suas introduções no decorrer do espetáculo apresentado, sem muita autonomia, preso a uma temática previamente ensaiada e encenada para que em todas as apresentações ele se aprimore cada vez mais no ato de condução da harmonização dos itens que integram a cena do espetáculo junino como: tema, repertório musical, coreografia, cenografia e figurino e, não mais da marcação da quadrilha como o marcador fazia majestosamente.

O coronel, neste caso, “o tradicional marcador”, tinha por sua vez, mais autonomia que o animador de hoje em dia, pois dele partia todas as decisões a cerca de como se dava a apresentação e de que forma iniciaria os passos a serem executados e, especialmente, de como se daria todo o desenvolvimento da quadrilha. Segundo Elvira D’Amorim e Dinalva Araújo, (2003, p. 47), afirmam o seguinte: “Levando-se em conta um contínuo processo de aculturação em seu percurso histórico, nas diversas regiões brasileiras onde ainda hoje é executada, houve uma multiplicação de seus passos, sendo os relacionados abaixo, os mais frequentes:

Forma francesa e forma brasileira popular dos passos da quadrilha.

Francês:	Popular (Brasil):
En Avant Tour	Anavantu (ir para frente)
En Arrière	Anarriê (ir para trás)
Autrefois	Outra vez
Tour	Giro
Changer de dames	Trocar de damas
Changer de Chevalier	Trocar de cavalheiros
Salut de dames	Saudar as damas
Salut de Chevalier	Saudar os cavalheiros
Salut general	Saudar a todos

Balancé	Balançar
Promenade	Passeio
Couronner les dames	Coroar as damas
Couronner les Chevalier	Coroar os cavalheiros
Changer de dames	Trocar de damas
Encore autrefois	Mais uma vez
Grand cercle	Grande roda
Dames dans les cercles	Damas dentro da roda
Avancer	Avançar
Retornez aux places	Retornar as filas
Preparez le galope	Preparar o galope
Au galope	Ao galope

Fonte: D´Amorim; Araújo, 2003.

É claro que hoje em dia, o marcador não grita ou fala mais os nomes dos passos, nem na forma popular brasileira, nem tão pouco, na forma francesa. Ele hoje em dia, nem mais é chamado de marcador, ou seja, em alguns lugares ele é denominado de animador da quadrilha junina, tem novas formas de atuar e, de fazer com que o tema da sua junina sobressaia aos dos seus concorrentes, o marcador/animador agora, tem todo um aparato composto por coreógrafos, diretor artístico, equipe cênica, figurinista, aderecista e pesquisador cultural, os quais, colaboram com a quadrilha e elaboram a temática, montam os passos coreográficos e definem a seqüência que a quadrilha deve seguir e, especialmente como deve ser narrado pelo marcador, o qual tem entre suas prioridades, chamar o público e especialmente, o jurado a se envolver com o que está sendo apresentado naquele momento pelo espetáculo da sua junina, que está sendo conduzido ali por ele naquele momento. Embora, alguns grupos, esse personagem ainda está passando por transição, ou seja, alguns grupos tradicionais estão se reformulando e se organizando para fazer essa transição de quadrilha tradicional para um grupo mais estilizado, no qual necessita, primordialmente em aposentar o marcador e contratar um animador, que fará com que o tema a ser desenvolvido ganhe mais ênfase e consecutivamente o grupo venha a se adaptar cada vez mais a essas transformações aqui descritas, especialmente, nas palavras de alguns ex-marcadores, obtido em diálogos sobre o assunto (marcador x animador). Vale aqui ressaltar que o marcador, faz a marcação dançando e marcando simultaneamente sem perder o controle dos passos e da temática apresentada. Já o animador, este não dança com o grupo, ele apenas narra a temática do espetáculo a ser apresentado, trazendo ao máximo a ênfase a sua narrativa ao roteiro para o desenvolvimento da temática apresentada.

3.6 Evolução no status da personagem rainha

Anteriormente ao advento dos concursos competitivos, essa personagem “a rainha do milho” da quadrilha junina, era eleita por venda de votos, aquela que mais vendesse era a rainha eleita! O Coronel, “marcador” da quadrilha, escolhia as candidatas, que recebiam da organização da quadrilha, cartelas para que as mesmas vendessem seus votos, geralmente a preços populares, angariando recursos para a quadrilha, assim aquela candidata que obtinha a maior vendagem de votos, era a candidata que venceria e seria coroada a rainha do milho daquele ano.

Conversando com o Sr. José Coutinho, que era o marcador da Quadrilha Junina Fazenda Pindura Saia, ele me confidenciou o seguinte:

geralmente eu escolhia seis moças, três de cada cordão, sendo que quatro delas estavam entre as mais belas e, duas delas não tão bem afeiçoadas assim, porquê no dia da festa pra definir a candidata vencedora, o público com pena votavam nelas”. (Trecho de entrevista em março de 2019).

Claro que isso era uma estratégia do marcador para atrair o público a participar da eleição e assim, arrecadar cada vez mais com a festividade que envolvia a eleição da candidata, esse evento, geralmente era um grande acontecimento a parte, onde a quadrilha obtinha alguns recursos financeiros com a venda de votos das candidatas a rainha e, com a vendagem de bebidas e comidas típicas no bar anexo ao pavilhão, cujas as mesas eram muito disputadas, e que davam um bom lucro para pagar suas despesas com sonorização e trio musical (conjunto pé de serra, composto por: sanfoneiro, zabumbeiro e trianguero), os quais, tocavam durante toda a noite para animar a quadrilha junina.

Geralmente, essas candidatas também tinham seus padrinhos, que no dia da eleição, investiam maciçamente na sua candidata, comprando seus votos através de lances ao vivo e em público para vê-la eleita, o que contribuía significativamente, cada vez mais, para uma arrecadação financeira para a quadrilha junina anteriormente. Ao findo do processo, a candidata eleita rainha do milho, recebia a faixa, a coroa e o cetro real, a quadrilha preparava o trono que era adornado para que rainha pudesse ser fotografada e assim encerrava o processo de eleição da rainha do milho. Apenas a candidata eleita recebia um cachê nesse processo eleitoral, que embolsava em média 30% do que ela havia arrecadado.

Hoje em dia, a escolha da Rainha ou “Majestade Junina”, se tornou um grande acontecimento sócio-cultural, tanto no grupo, quanto nas redes sociais e nas mídias do movimento junino, que envolve uma competição mais acirrada, envolvendo jovens que

pretendem ser eleita, esse acontecimento já inicia-se lá nos bastidores, entre os organizadores e seu staff junino, que vão norteando o perfil da jovem que deve concorrer ao título de “majestade Junina” da sua quadrilha e a herdar a coroa de rainha e, dessa forma, levar o nome do grupo nas suas performances luxuosas que envolve desde técnicos de iluminação e efeitos especiais, a coreógrafos, aderecistas, artesões, maquiadores e cabeleireiros. Além de estilista próprio, que idealiza o figurino, que é extremamente exclusivo e diferenciado dos demais figurinos do grupo que essa Rainha Junina pertença, esse personagem, realmente passou a ter um status de verdadeira “majestade”, antes não tão glamoroso como o de hoje, muito se dar pela performance que elas realizam dentro da temática abordada pelo grupo. Alguns concursos pagam bons prêmios às rainhas que vencem esses eventos e, por isso, elas hoje em dia, estão cada vez mais ousadas, investindo financeiramente, cada vez mais alto e, com produções cenográficas, cada vez mais elaboradas nas suas espetaculares apresentações. Tanto que hoje em dia, nos principais concursos de quadrilhas juninas, seja municipal, estadual, regional e/ou nacional, a premiação em troféus, certificados e em cachê financeiro, a figura da rainha sempre está entre os demais destaques a serem premiados.

3.7 Da expressão “traje” a expressão “figurino”

A expressão “traje”, nas conversas com antigos quadrilheiros, nos remete sempre ao saudosismo daquela época lá, que se deu até os fins dos anos 90, onde o Coronel da quadrilha junina era o personagem responsável pela seleção de uma padronagem para os participantes masculinos, de um dos lados dos dois cordões da quadrilha e, selecionava outros padrões, para os integrantes masculinos que integravam o outro cordão.

Naquela época, como falamos acima, as quadrilhas se organizavam em cordões verticalizados. As mulheres ficavam livre para escolher os padrões de cores, estamparia e composição de aviamentos na confecção do seu vestido, o integrante masculino (cavalheiro), sempre ajudava a sua parceira (dama), na compra do tecido e, ela como minha mãe Dona Josefa me falou certa vez, em conversar sobre o assunto:

[...] a moça recompensava seu parceiro, com um lenço para por nos ombros, e esse lenço, era guardado em segredo até o dia do pedido de casamento da quadrilha, que se dava na véspera de Santo Antonio, e onde a quadrilha apresentava o traje novo” (Entrevista feita a José Coutinho ex-marcador da junina Pindura Saia, realizada em março/2019).

Inclusive, o lenço foi um dos itens que sumiram da nova padronização dos figurinos atuais. A função do lenço, além da estética plástica na composição do visual no traje masculino, era o de auxiliar alguns passos daquele período como o túnel – onde os pares seguravam em uma das pontas do lenço enquanto executavam o passo ordenado pelo marcador. Outra coisa que quase não vemos mais e era comum ao traje de outrora nos componentes comuns (matutos), era o chapéu de palha sem qualquer adorno e/ou decoração.

Já o figurino de hoje em dia, requer como pré-requisito na sua concepção, que esteja alinhado a uma proposta temática, que foi elaborada pelo grupo e, sendo todos confeccionados do mesmo jeito, mesmo sendo por costureiras diferentes, os figurinos tem que sair da mesma forma e, com os mesmo materiais empregados na sua concepção, para que fiquem todos exatamente iguais, com exceção para os figurinos de destaques (marcador, noivos, cangaceiros, casal junino e a rainha com seu par). Geralmente esses figurinos depois de confeccionados, são bordados com pedraria e outros adornos que ornamentam os detalhes que o figurinista coloca para dar ênfase ao tema.

Nessa nova conjuntura organizacional, cada integrante, seja masculino ou feminino, pagam por seu figurino, por seus calçados, que igualmente a roupa, todos tem que serem confeccionados da mesma forma e cores, para que ressalte o conjunto do vestuário na proposta temática do espetáculo proposto.

Esse pagamento se dá geralmente, individualmente, onde cada vez mais, os papéis estão se invertendo, já que em muitos os casos, hoje são as damas que auxiliam no pagamento do figurino do seu parceiro, no qual, muito dos grupos juninos, optam por um carnê, que a quadrilha elabora, de acordo com os valores a serem pagos pelos seus integrantes, para que os mesmos tenham o direito ao figurino pronto, já outras, recorrem a bingos, rifas e outros eventos para levantar recursos e ao invés de dar o figurino pronto, elas ajudam os seus integrantes na composição do conjunto do seu vestuário.

[...] Quanto a indumentária utilizada tradicionalmente, constatamos a imitação do estilo dos nobres da Corte, no século XIX, sendo confeccionada com uma espécie de pano que enrolava os tecidos finos importados da Polônia, usados pela nobreza, que passou a ser chamado popularmente de “*madapolão*”, corruptela do nome *Made-in-Polan*, que indicava a procedência, escrita nas barras dos tecidos. (D’Amorim; Araújo, 2003, p. 47-48).

3.8 Ação do Poder Público Municipal no desenvolvimento dos grupos juninos De João Pessoa

Especificamente aqui em João Pessoa, a ONG/DECULP – Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa, através de um representante eleito pela classe dos quadrilheiros, faz um trabalho em parceria com a FUNJOPE – Fundação de Cultura de João Pessoa, onde a liga se organiza com os dirigentes quadrilheiros e os oficializam junto à fundação para que os mesmos possam concorrer em edital específico a uma subvenção financeira, através de projeto, que neste ano de 2019 foi de R\$ 17.200,00 (dezessete mil e duzentos reais) para quadrilhas juninas que compõem o grupo A, e de R\$ 14.200,00 (quatorze mil e duzentos) para aquelas quadrilhas juninas que compõem o Grupo B, totalizando 25 (vinte e cinco) grupos, sendo 10 (Dez) no grupo A e 15 (Quinze) no grupo B. Nesse projeto, os grupos juninos, fazem uma justificativa, falam dos objetivos: geral e específicos, além de fazer seus planos de estratégia e ação, no qual, dizem exatamente onde será investido os recursos. Bem como, terem que abrir uma conta específica para receber os recursos e para que após o recebimento faça seu devido encerramento para constar na sua prestação de contas. Esses recursos liberados, através de subvenção em edital específico pela Prefeitura de João Pessoa, através de sua fundação de cultura, já é algo que já se consolidou ao longo dos últimos 23 anos de atividades culturais entre o poder público e os grupos juninos.

Para que esses grupos possam ter direito a concorrer a estes recursos no ano seguinte, os mesmos, tem que seguir uma série de requisitos para obter a sua participação e garantir sua homologação através da Liga que envia a lista dos grupos que tem direito à concorrer a subvenção, são eles: participar obrigatoriamente a pelo menos dois eventos oficiais pela fundação de cultura, entre esses, participar de uma das etapas do pré junino, evento descentralizados por bairros de João Pessoa, sem competitividade, apenas com o intuito de animar os bairros da Cidade.

A competição municipal é promovida pela FUNJOPE, que monta toda a estrutura e entrega a realização sob os cuidados da Liga de Quadrilhas Juninas de João Pessoa, que neste ano de 2019, ocorreram entre os dias 14 a 16 de junho, com competições distintas entre as quadrilhas que fazem parte do grupo “A” e as quadrilhas que fazem parte do grupo “B”, sendo oferecido, oferecido o acesso de três quadrilhas do grupo B para o grupo A e respectivamente o decesso de três quadrilhas do grupo A para o grupo B a festividade competitiva do ano de 2020. Além dessa subvenção supracitada, a Fundação também disponibilização à Liga das quadrilhas juninas os recursos para o pagamento do pró labore, passagens, hospedagem e alimentação dos jurados, pagamento da equipe de apoio e da premiação aos grupos vencedores nas duas modalidades (A e B).

As quadrilhas do grupo “A” de João Pessoa se organizam com um poder aquisitivo e financeiro mais arrojado, já que as mesmas, almejam a classificação para o Concurso Estadual de Quadrilhas Juninas, que conta hoje com a participação de grupos juninos advindo de eventos similares em todo o estado da Paraíba, os quais são realizados por entidades congêneres e que são afiliadas a FEQUAJUNE-PB – Federação das Quadrilhas Juninas do Estado da Paraíba, a qual foi fundada em 2003 e, tem como função primordial, a organização do movimento junino estadual. Neste ano de 2019, foram 32 (trinta e dois) grupos participantes que representaram suas respectivas regiões, nesse evento os grupos buscam credenciamento para os principais eventos regionais e nacionais.

O evento estadual funciona no sistema de concorrência de projeto cultural, oferecidos a prefeituras que aceitam na íntegra, fazem os devidos ajustes e/ou cortam algumas exigências feitas pelos dirigentes da entidade estadual, para sua aprovação e respectiva realização torne realidade. Em 2019, o evento estadual aconteceu na cidade de Santa Rita e contou com uma mega estrutura, montada com palco, tablado, som e arquibancadas para comportar e acomodar o enorme fluxo de fies espectadores que assistem aos verdadeiros espetáculos juninos que foram oferecidos no evento que a Prefeitura municipal de Santa Rita preparou para o seu evento municipal e o estadual em uma grande festividade que movimentou toda a comunidade da cidade e de outras circunvizinhas que se deslocaram para conferir essa mega realização. Uma semana após ao evento estadual, lá estavam as vice e a campeã estadual paraibana, defendendo o título no concurso nordestino entre as campeãs dos demais estados da região nordeste, que se deslocaram à Paraíba, para o grande evento regional de quadrilhas juninas realizado pela entidade UNEJ – União Nordestina das Entidades Juninas em parceria com a Prefeitura Municipal de Santa Rita que garantiu, estrutura física como: arquibancada, tablado, palco, sonorização, premiação as três primeiros colocados. Bem como, hospedagem e alimentação aos integrantes dos grupos no evento. Realmente a organização das entidades tanto a nível municipal e estadual na Paraíba, quanto a nível regional nordeste e nacional, o segmento das festividades juninas estão a cada ano crescendo cada vez mais, ao mesmo tempo, em que novos investimentos vão surgindo para a propagação, manutenção e divulgação do movimento junino municipal, estadual regional e nacional.

4 CONSIDERAÇÕES

Tentamos aqui, evidenciar de forma sucinta, a chegada e a operacionalidade dessa manifestação denominada “quadrilha junina” ao Brasil, além de como, essa manifestação acontecia e, de que forma acontece hoje em dia, especialmente pela visão dos espectadores, dos organizadores e de seus brincantes, os quais são denominados de “quadrilheiros” e, aos admiradores desse folguedo e aos leigos em geral, proporcionando uma noção de como surgiu a quadrilha, e como ela se propagou da forma que conhecemos aqui no Brasil.

As sociedades modernas são, portanto, por definição, sociedades de mudanças constante, rápida e permanente. Esta é a principal distinção entre as sociedades ‘tradicionais’ e as ‘mudanças’ (Hall, 1997, p. 15).

Bem como se dá, o cenário das apresentações dessas quadrilhas juninas no Brasil, e em especial, na cidade de João Pessoa na Paraíba, as quais saíram definitivamente da esfera lúdica e, consecutivamente, da espontaneidade, para a seara competitiva, criando uma nova era no movimento junino, sem se ater especificamente a uma ordem cronológica, mas para que tenhamos a noção de como essas transformações se deram e, quais foram essas transformações, para que chegássemos até o presente momento, ao qual denominamos de “espetáculo junino”, esse processo envolve os seguintes atores: de um lado o movimento da cultura popular e do outro o do movimento de massa, que faz o ciclo das festividades girarem. Analisando esses movimentos talvez possamos aqui encontrar alguns fatos e relatos que descrevam ao mundo das festividades juninas, para que eles possam se conhecer e a partir daí se reconhecer como parte integrante do todo, inclusive das transformações que essa atividade folclórica e cultural vem ao longo do tempo passando. Isso, desde que saiu dos campos ingleses (dança campal), até invadir os salões nobres da França (dança de corte) e, posteriormente, para os salões do mundo, atravessando o movimento renascentista e moderno europeu. Bem como, até sua chegada ao Brasil, por intermédio da chegada da família real portuguesa no ano de 1808, que trouxe a bordo um casal Francês para repassar à corte portuguesa instalada no Brasil a dança famosa dos salões da época. Aqui no Brasil, a dança que surgiu dos campos ingleses, foi para os salões franceses, chegando aqui por intermédios de famosos dançarinos incorporados aos nobres da aristocracia brasileira da época, retornando novamente ao seio do povo através das festas populares no ciclo das festividades juninas.

O fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os parte de nós,

contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural... a identidade, então costura o sujeito à estrutura (Hall, 1997, p. 12).

Assim, baseamo-nos, em fatos históricos, relatados por teóricos, que nos levaram a desvendar, desde a origem da dança da “quadrilha” nos campos ingleses, absorvido pelos Franceses – por intermédio da guerra dos cem anos, passando pela evolução mundial, tendo como ponto de largada os salões da corte na França, até sua popularização nos principais salões europeus. Bem como, não poderíamos deixar de mais uma vez, citar o seu desembarque no Brasil colonial, com a família real portuguesa ao Rio de Janeiro. Além da sua interiorização Brasil à dentro.

Foi exatamente no interior do Brasil, especificamente na região nordestina, que essa manifestação tomou outra conotação, retornando ao seio do povão, através da propagação das manifestações populares, exclusivamente, daqueles santos relacionados ao ciclo junino (São José, Santo Antonio, São João, São Pedro e Santa Ana). Porém, discutiremos essencialmente aqui, as transformações que essa manifestação folclórica e cultural, sofreu de uns tempos para cá, especificamente, na Cidade de João Pessoa – PB.

A igreja adotou o dia 24 de junho, data que marca o solstício de verão no Hemisfério Norte e de inverno no Hemisfério Sul, para celebrar o aniversário de **São João**. Filho dos personagens bíblicos Isabel e Zacarias, João Batista, principal padroeiro da festa junina, foi responsável pelo batismo de Jesus Cristo nas águas do Jordão, rio que hoje faz fronteira natural entre Israel e a Jordânia. (D’Amorim; Araújo, 2003, p. 38, 39).

Uma dessas transformações que a quadrilha junina sofreu, diz respeito ao seu próprio modelo de estruturação sócio, cultural e artístico. Pois, a quadrilha junina, que antes era realizada, especificamente para diversão dos seus brincantes e, para animação voluntariada dos populares que gostavam de ir aos seus arraiais, não só para apreciar seus ensaios, mas para encontrar amigos, saborear comidas e bebidas típicas, as quais eram feitas pelos populares residentes e circunvizinhos daquele arraial, para venderem enquanto duravam os ensaios, os quais hoje em dia, se transformaram em público sólido e fiel, das grandes festividades competitivas, promovidas pela prefeitura ou entidades de classe, já que os ensaios, que antes eram abertos ao público, que compareciam voluntariamente, apenas ao ouvir o som do início da brincadeira; Agora esses ensaios são fechados, frios, sem vidas em seu entorno, aberto apenas aos integrantes dos grupos, para que as mesmas, possam se preparar para montar o seu espetáculo, aquele que irá ser apresentado aos jurados, que escolherá qual dos grupos em disputa, representou melhor a temática proposta para aquela

competição, sendo que os grupos geralmente iniciam seus trabalhos de um ano para o outro, (geralmente de outubro de um ano a julho do outro subsequente). Assim o grupo em disputa, vai para os eventos competitivos, absoluto, ao mesmo tempo, que leva para os tablados um material humano, coreográfico, cenográfico, musical e cênico de altíssimo nível cultural e artístico, sem falar na roupagem que seus integrantes utilizam para enfatizar a temática representada por seu grupo em disputa.

Essa nova roupagem da quadrilha junina, não só se dar no aspecto visual, no que se refere aos “trajes típicos” dos integrantes e dos destaques em geral, mas como também, no que tange a sua exibição temática, que requer cada vez mais enormes cenários, os quais dão ênfase ao tema em exibido, no que ocasionou uma enorme transformação também na figura do “Marcador”, o qual anteriormente, ditava os passos básicos a ser executados pelos dançarinos e, hoje apenas, eles se resumem apenas a executar falas relacionadas ao espetáculo pré concebido, como mero animador cultural, tecendo toda sua eloquência no desenvolvimento do enredo temático, sendo por ele narrado, enquanto sua quadrilha vai desenvolvendo gradativamente o tema apresentado ao um público cada vez mais exigente e fiel, bem como e, especialmente, para uma comissão de avaliadores que a cada dia estão se especializando cada vez mais, para atender aos critérios de avaliação dos festivais juninos.

Levando-se em conta que aproximadamente há uns vinte anos atrás, tínhamos mais de cem grupos juninos espalhados por todos os logradouros de João Pessoa. E cujo, segundo boa parte de alguns diretores juninos, afirmaram que por causa dessas inovações implementadas, na modernidade da forma de se fazer quadrilha, aos quais, foram aos poucos, levando às mesmas, a encerrarem suas atividades artísticas, folclóricas e culturais. Deixando assim, muitos bairros órfãos da animação que estas quadrilhas juninas propiciavam para a sua comunidade.

Claro que conversando com muitos ex-marcadores e ex-organizadores, também pude observar que os mesmos, foram envelhecendo e não conseguiram formar sucessores, outros não conseguiram acompanhar as inovações no jeito de montar os espetáculos, que antes eram puramente para realizar uma brincadeira, na qual, anteriormente, não tinham grandes problemas para elaborar seus trabalhos na realização da festividade local daquele grupo.

Já no que se refere às inovações que levaram as transformações na questão organizacional das quadrilhas aqui em João Pessoa, podemos afirmar que estas foram significativamente grandes e modificaram tanto a forma de gerenciar, quanto ao de organizar os recursos humanos, figurinos, calçados, repertório musical, coreografias e o teatro apresentado no início, no meio e no fim de cada apresentação. Identificamos que as mudanças

vão da maneira de montar os dançarinos em dois cordões na quadrilha e, hoje eles se organizam por filas de três, quatro e/ou cinco pares.

Vimos também, que o traje típico, especialmente o feminino, que outrora era uma imitação das vestes das sinhazinhas das fazendas de café e algodão, os quais eram compostos por tecidos de chitão colorido, e hoje são confeccionados de tecidos mais sofisticados, e adornados com aviamentos que complementam sua finalização, os quais obedecem a uma temática a ser caracterizada, pelos dançarinos durante a apresentação da sua quadrilha.

Identificamos ainda, uma mudança significativa no que se refere à forma de marcar a quadrilha, que anteriormente, era feito de forma que o marcador cantava os passos a serem executados e, hoje ele simplesmente narra uma história que a temática explorada vai desenvolvendo durante a apresentação do seu grupo. Antes esse personagem era caracterizado com trejeito de coronel, e hoje ele simplesmente se caracteriza de forma a se enquadrar na narração a ser feita durante a exibição da sua quadrilha, tendo com função primordial a narração de uma história a ser interpretada no conjunto da obra. Ele agora tem como meta artística ser o narrador daquele tema a ser apresentado ao público e aos jurados.

No que se refere aos destaques juninos, anteriormente os noivos, tinham funções mais lúdicas, ou seja, de fazer a brincadeira do casório, que tinha como roteiro básico de pedido de casamento, textos engraçados, onde o rapaz se engraçava com a moça, e o pai dela que geralmente era o coronel, ia atrás do rapaz para forçá-lo a se casar com sua filha pra fazer o rapaz honrar a moça, geralmente essas encenações se davam na véspera de Santo Antônio no dia 12 de Junho e o Casamento em si se dava na véspera de São João com a encenação do casamento que também era outra forma de trazer aos seus pavilhões centenas de pessoas para prestigiar aquela festança na roça, que geralmente era cercado de muita comida e bebidas para comemorar o casório. Hoje em dia, o casamento é parte integrante da montagem do espetáculo e, gira em torno do tema principal da temática, no qual a quadrilha monta um verdadeiro aparato para que o seu casal, possa atual e assim, prender a atenção do público e emocionar a todos durante sua encenação, que tem a função de complementar a história, que vai sendo desenvolvida gradativamente, de forma a emocionar a todos os expectadores.

Outro destaque aqui, que requer uma atenção nas transformações é a rainha, elas que antes eram denominadas “rainha do milho”, muito em alusão às belas moças, filhas dos fazendeiros plantadores de milho do interior do nordeste, que disputavam entre se, quem era à mais belas entre elas, e como as quadrilhas antes, faziam essa alusão as fazendas e como a tudo que circundavam o universo daquelas fazendas. Dessa forma, as quadrilhas anteriormente, escolhiam suas candidatas e, as mesmas, recebiam cartelas com votos para ser

vendidos e assim, quem mais vendia votos se elegia a Rainha do Milho. Já hoje em dia, igualmente o casal de noivos, a Rainha tem pra se, uma mega estrutura, montada para sua entrada em cena e, especialmente, para o desenvolvimento do tema, pois agora ela tem essa função, de dar ênfase a temática que a quadrilha escolheu pra trabalhar. Geralmente essa rainha é escolhida pelo poder financeiro que a mesma detém para confeccionar seu figurino e bancar toda a exuberância que uma rainha junina tem que ter, para bem representar a temática da sua quadrilha, especialmente nas apresentações dos concursos.

Para chegar à definição de alguns pontos chaves aqui nesse nosso trabalho de conclusão de curso (TCC), o estudo de caso feito ao grupo junino Fazenda Pindura Saia, foi primordial, pois conversando com alguns ex-integrantes e com pessoas (expectadores), da festividade no bairro da Torre, tivemos as devidas condições para elaborar os questionamentos e de elucidá-los, conforme checagem de dados em trocas de diálogos, os quais foram elucidativos para a finalização deste referido trabalho.

REFERÊNCIAS

- D'AMORIM, Elvira; ARAÚJO, Dinalva. **Do lundu ao samba: pelos caminhos do coco**. João Pessoa: Arpoador/Ideia, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- MALACARNE, Juliana. Como surgiu a quadrilha? **Revista Crescer**, 12 jul. 2016. Disponível em: <http://revistacrescer.globo.com/Festa-junina/noticia/2016/07/como-surgiu-quadrilha.html>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- MENDES, Miriam Garcia. **A dança**. São Paulo: Ática, 1985.
- ORIGEM da quadrilha junina. **Culturamix.com**, 2014. Disponível em: <http://cultura.culturamix.com/eventos/concertos-e-danca/origem-da-quadrilha-junina/>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- SANTOS, Walter. **Bairro da Torre tem a primeira e mais antiga quadrilha junina, diz folclorista**. 2017. Disponível em: <http://wscom.com.br/bairro-da-torre-tem-a-primeira-e-mais-antiga-quadrilha-junina-diz-folclorista/>. Acesso em: 1 out. 2018.
- SERRANO, Hélio Ferreira. **Bairro da Torre: história, singularidade e resistência**. João Pessoa: Gráfica Moura Ramos, 2018.
- SUZANNE, Carla; DELMIRI, Denise; BARBOSA, Alex. Festas juninas movimentam a economia da Região Nordeste. **Jornal Hoje**, 21 jun. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/06/festas-juninas-movimentam-economia-da-regiao-nordeste.html>. Acesso em: 5 mar. 2019.